

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

INÊS CONCEIÇÃO DA SILVA

**TRATAMENTO TÉCNICO DA INFORMAÇÃO DO JORNAL O POPULAR NO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA**

Goiânia
2008

INÊS CONCEIÇÃO DA SILVA

**TRATAMENTO TÉCNICO DA INFORMAÇÃO DO JORNAL O POPULAR NO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de
Comunicação e Biblioteconomia, da
Universidade Federal de Goiás, para obtenção
do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Profª Drª Maria de Fátima Gaberlini

Goiânia

2008

Silva, Inês Conceição da.

Tratamento técnico da informação do jornal O Popular no Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara. / Inês Conceição da Silva. Goiânia, 2008.

36p.

Monografia, apresentada à Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Orientadora: Maria de Fátima Gaberlini.

1. Arquivo jornalístico. 2. Centro de Documentação. 3. Tratamento técnico

INÊS CONCEIÇÃO DA SILVA

**TRATAMENTO TÉCNICO DA INFORMAÇÃO DO JORNAL O POPULAR NO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção de grau de Bacharel, provado em ____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª Drª Maria de Fátima Gaberlini

Ana Márcia Santana Lima
Bibliotecária no CEDOC da Organização Jaime Câmara

Goiânia
2008

Aos meus pais Carlos e Severina, á minha
filha Isis.

Agradeço aos meus pais que sempre estiveram presentes, oferecendo seu apoio e incentivo para que meus desejos possam ser concretizados da melhor forma possível;

À professora Fátima, que aceitou me orientar neste trabalho mesmo sabendo que não seria de fácil execução;

À bibliotecária da Organização Jaime Câmara Ana Márcia, pela atenção e gentileza sempre que solicitada;

Às inesquecíveis amigas Anne, Cássia, Denise e Fernanda, grandes e valiosos achados nessa universidade: sem vocês minha vida não seria a mesma!;

A todos que perto ou não, acreditaram em mim e não me permitiram desistir.

Finalmente: Aos que desacreditaram, pois sem vocês não teria tanta graça em concluir um projeto!

Sí la redacción es el corazón de un periódico, el servicio de documentación - otrora llamado simplemente archivo - es su cerebro. Hoy en día es imposible hacer un gran diario de calidad sin un departamento de este género sólidamente estructurado.

CEBRIAN

RESUMO

É reconhecida a importância do jornal impresso na difusão da informação, formação de opinião e ainda, registro histórico da realidade de uma sociedade. Porém, poucos conhecem a importância de um arquivo, ou centro de documentação para que se produza um jornal de qualidade, capaz de transmitir a seus leitores a notícia inserida num contexto, facilitando o entendimento da situação, trazendo dados capazes de provar a veracidade dos fatos, advindos de fonte segura e rápida. Os arquivos do próprio jornal podem servir como fonte para que se obtenha essas informações, que para terem sua recuperação facilitada necessitam de um tratamento que permita registra-las de modo a garantir seu armazenamento e acesso rápido e preciso em tempo hábil no caso de consultas posteriores. Considerando-se essa importância do tratamento da informação veiculada em jornais impressos e observando-se o quase nulo volume de publicações que tratassem desse tema, o presente trabalho buscou realizar uma revisão de literatura, descrevendo ainda como se dá este processo no Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara, produtora do jornal impresso de maior circulação em Goiás: o jornal O Popular.

SUMÁRIO

RESUMO	8
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	11
1.2 JUSTIFICATIVA	11
1.3 OBJETIVOS	12
1.3.1 Objetivo Geral	12
1.3.2 Objetivo Específico	12
2 ARQUIVOS JORNALÍSTICOS	13
2.1 MICROFILMAGEM E DIGITALIZAÇÃO	19
2.2 OS JORNALISTAS E O ACESSO À INFORMAÇÃO DOS CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO	23
3 A ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA	25
3.1 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA	25
4 METODOLOGIA	28
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
5.1 TRATAMENTO DOS ARQUIVOS DE TEXTO	31
5.2 TRATAMENTO DO ACERVO FOTOGRÁFICO	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

ANEXOS.....	37
ANEXO A: QUESTIONÁRIO.....	38
ANEXO B: O CEDOC.....	39
ANEXO C: PASTAS SUSPENSAS.....	40
ANEXO D: ANTIGAS FICHAS DE REGISTRO.....	41
ANEXO E: RECORTES DE JORNAL.....	42
ANEXO F: ARQUIVO FOTOGRÁFICO ARMAZENADO EM PASTAS DE CARTOLINA.....	43
ANEXO G: ARMAZENAGEM DE JORNAIS EM PAPEL.....	44
ANEXO H: ARMAZENAGEM DE MICROFILMES.....	45
ANEXO I: ARMAZENAGEM DE CDs.....	46

1. INTRODUÇÃO

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

Os arquivos de jornais impressos exercem um importante papel, seja na construção ou disseminação das notícias, viabilizando dados e informações para jornalistas e para a população em geral, tendo a função não só de fonte de informação para jornalistas, mas também de memória social a respeito de fatos e acontecimentos ocorridos em todo o mundo, e especialmente na região onde o jornal está localizado.

A forma de organização desse arquivo é de extrema importância para que essas funções sejam exercidas com eficácia, rapidez e precisão, mas pouco se tem publicado sobre tal assunto.

1.2 JUSTIFICATIVA

O questionamento sobre como é realizado o tratamento técnico dos arquivos de jornal impresso iniciou-se a partir da conversa com jornalistas que afirmavam que muitas vezes tinham dificuldade para encontrar material que desse embasamento às matérias que precisavam publicar. A partir daí, indagou-se a existência de um arquivo no jornal que pudesse servir como suporte, sendo que a resposta foi positiva, mas que o mesmo não era procurado por ser considerado ineficaz. A partir daí iniciou-se um levantamento bibliográfico pra descobrir como se dá o tratamento da informação e o funcionamento desses arquivos, que causou-me surpresa ao constatar que pouco material havia sido publicado a esse respeito, apesar de ser reconhecida a importância das informações veiculadas nos jornais, não só para os jornalistas, mas para a sociedade em geral, considerando-se que este veicula informações atuais, podendo também servir como resgate histórico de fatos ocorridos em períodos anteriores.

Considerando-se a importância dos arquivos jornalísticos, bem como a falta de estudos nessa área, o presente trabalho tem a pretensão de colaborar, podendo servir como base de estudos para quem se interesse no tema, além de passo inicial para posteriores estudos a respeito.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral:

- Conhecer e descrever como se dá o tratamento técnico do jornal O Popular na Organização Jaime Câmara.

1.3.2 Objetivos Específicos:

- Conhecer o CEDOC da Organização Jaime Câmara;
- Descrever os métodos de tratamento técnico adotados pela instituição;

2. ARQUIVOS JORNALISTICOS

O conceito de arquivos vem mudando com o passar do tempo, e correlato a isso, as atividades nele desenvolvidas. Até o final do século XVIII, os arquivos eram de uso restrito do governo. Já a partir do séc. XX passaram a funcionar como repositórios para outros grupos de interesse.

Rodrigues (2006) destaca que, ao longo da história o conceito de arquivo tende a mudar, já que aparece como reflexo da sociedade que o “alimenta”, o modo de interpretá-lo também acompanha as mudanças ocorridas.

Diante do aumento no volume de informação, a necessidade da criação de arquivos, mesmo que de pequeno porte, torna-se imprescindível para facilitar a recuperação em qualquer ambiente que produza ou utilize informação.

Um dos conceitos de arquivo é o de Lopes (2000, p. 33 apud Calderon, 2004) que os coloca como:

Acervos compostos por informações orgânicas originais, contidas em documentos registrados em suporte convencional ou em suportes que permitam a gravação eletrônica, mensurável pela sua ordem binária (bits); produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica, decorrentes do desenvolvimento de suas atividades, sejam elas de caráter administrativo, técnico, artístico ou científico, independente de suas idades e valores intrínsecos.

Roncaglio; Szvarça e Bojanoski (2004) afirmam que a função de um arquivo é guardar informações e disponibilizá-las de maneira rápida e segura.

Com os arquivos de jornais impressos não seria diferente, já que os veículos de comunicação segundo Rodrigues e Oliveira (2005, p.2), contribuem em grande parcela para a construção do conhecimento, sendo meios que produzem e difundem informação sob a forma de notícia.

Os arquivos jornalísticos, segundo Machado (2002, p.1) já não passaram de um amontoado de recortes de edições antigas de revistas e periódicos, que mais serviam como ameaça constante de incêndios do que como auxiliares da memória histórica e ferramentas de criação que deveriam ser, porém com o passar dos tempos os arquivos e as vantagens de sua organização adquiriram reconhecimento.

Machado (2001, p.2) afirma que:

Com a contínua utilização dos arquivos pela redação nos anos 30, a mentalidade do morgue como conjunto de coleções de recortes a cargo de funcionários sem qualificação deu passo a um serviço de documentação coordenado por arquivistas especialistas na coleta e

gestão de dados. A mudança se deu em grande parte pela emergência da profissão do arquivista de periódicos, e porque se descobriu que os arquivos contribuíam para melhorar o conjunto da publicação.

Com o desenvolvimento da prática jornalística a documentação criada para o jornal e pelo jornal passou a adquirir maior complexidade e especialização, o que acabou por criar a necessidade de criação de centros ou departamentos dentro das próprias empresas jornalísticas voltadas para a melhora de seus serviços.

Os jornalistas se deram conta de que quanto mais fontes houvesse para complementar as notícias, situar o leitor na seqüência dos fatos e ainda, garantir a veracidade da notícia, melhor seria o resultado do seu trabalho.

Gutierrez (1999) ressalta que os meios de comunicação em geral precisam de informação retrospectiva, confiável e de acesso rápido e fácil, tendo como características especiais:

- o fato de produzirem e receberem informação;
- grande quantidade de informações duplicadas, o que exige critérios de seleção bem definidos;
- rápida obsolescência das informações, já que na maioria das vezes se precisa sim de informações retrospectivas, mas de períodos específicos para inserir os receptores do contexto onde o fato tenha ocorrido;
- necessidade de rapidez para adquirir as informações;
- dicotomia texto-imagem;
- grande diversidade de usuários.

O desenvolvimento dos arquivos voltados à área jornalística deu-se de forma diferenciada nas diversas áreas geográficas, segundo Fuentes i Pujol (1997), os arquivos jornalísticos passaram a existir nos Estados Unidos por volta de 1930 quando os jornais começaram a acrescentar às suas bibliotecas de referência a coleção completa do próprio periódico devidamente classificados e armazenados, na Espanha só foram encontrados relatos sobre tais práticas datados da década de 60, enquanto Melo (2006, p.6) afirma que só na segunda metade do século XX é que o arquivo de jornal foi conhecido no Brasil, juntamente com outros elementos importados do jornalismo norte-americano. Tal atraso fez com que muito da memória nacional sob forma de registros jornalísticos anteriores a esse período se perdesse,

assim como muito ainda se perde devido á pouca divulgação e consciência de profissionais de comunicação e da informação assim como das empresas jornalísticas que deveriam ser as maiores interessadas no registro e armazenamento de suas publicações.

Com o crescimento do volume informacional e a diversidade de mídias que passaram a compor esses arquivos, seus nomes começaram a ser mudados, e alguns dos chamados arquivos passaram a ser conhecidos como “Centros de Documentação”, ou CEDOC, que é entendido da seguinte forma por Rodrigues e Oliveira (2005, p. 3):

...um setor que carrega em seu corpo, além do registro da memória institucional da empresa, os “fazeres” do exercício diário da produção jornalística, informações que se apresentam e representam sob a forma de linguagem textual, fotografias e artes gráficas. O Centro de Documentação, unidade de informação é, portanto, o local onde a matéria-prima no processo de produção do conhecimento recebe atenção especial.

Vânia Caldas, gerente do Centro de Documentação do jornal Correio Braziliense, citada por Carrijo e Asano, afirma que as funções de uma unidade de informação dentro de um jornal são:

Apoiar a área editorial, fornecendo subsídios para a pesquisa e a produção da notícia; preservar a memória institucional, resgatando, preservando e divulgando o acervo arquivístico e; interagir com a comunidade, ampliando a sua função social e possibilitando o acesso ao conteúdo do jornal. (CARRIJO E ASANO, 2004, p.3)

Grandim ressalta que o arquivo é uma das partes mais importantes de um jornal, já que através dele é possível realizar pesquisas que permitem ligar fatos do presente a fatos do passado, o que vem a diferir a qualidade de um jornal que passa a informação a seus leitores de forma superficial, daqueles que constroem matérias mais ricas em conteúdo, e portanto, mais esclarecedoras.

Em obras espanholas, onde os estudos a respeito da documentação voltada para o trabalho jornalístico encontram-se imensamente mais evoluídos que no Brasil encontramos citações que ressaltam a importância desses serviços :

Si la redacción es el corazón de un periódico, el servicio de documentación – otrora llamado simplemente archivo – es su cerebro. Hoy en día es imposible hacer un gran diario de calidad sin un departamento de este género sólidamente estructurado. (CEBRIAN, 1981, p. 48 apud FUENTES i PUJOL, 1997, p. 99)

Las colecciones de prensa constituyen (...) la biblioteca más completa, la más abundante y la más pertinente sobre

prácticamente todas las materiales susceptibles de provocar el interés o de suscitar la curiosidad de um lector cualquiera.
(ALBERT, 1968, p. 62 apud FUENTES i PUJOL, 1997, p. 100)

É importante ressaltar a importância do jornal enquanto documento, sendo segundo Carrijo e Asano uma boa fonte para consultas, provas e produção de novos conhecimentos, já que as notícias referentes ao passado, ou mesmo á atualidade nos jornais não deixam de representar registros mesmo que em fragmentos, a memória e a história das sociedades enfocadas (2004, p. 9).

Deolindo (2005, p. 3) afirma que através da análise dessas publicações pode-se chegar a grandes revelações a respeito da cultura de um povo e da sua realidade. A mesma autora ressalta que quando se recorre á imprensa para adquirir uma informação, esses registros já estão todos pautados na técnica jornalística, apresentando mais do que a visão do autor ou do expectador, e sim um fato exposto em detalhes.

Os documentos que são produzidos pelo jornal podem ainda ser úteis como memória da empresa, podendo ter utilidade enquanto provas judiciais, apoio ao planejamento e á administração da instituição, além de apresentar sua trajetória histórica e cultural. (CARRIJO; ASANO, 2004, p. 3)

Os arquivos de jornal são importantes também para pesquisas acadêmicas e colegiais, além de servir como suporte a advogados, sociólogos, historiadores, turismólogos, administradores, empresários, e profissionais da área de comunicação social.

A correta organização dos documentos disponíveis no CEDOC é imprescindível para que as informações registradas possam ser recuperadas:

Ao se estruturar um Centro de Documentação e informação, almeja-se que toda informação ali processada e armazenada seja passível de recuperação através de mecanismos de busca fáceis de serem utilizados. A grande variedade de informações e os diferentes tipos de acesso a essas informações podem trazer sérios problemas de busca se o serviço não estiver devidamente organizado.

(PAZETTO, 2000, p.1)

Pazetto (2000), também ressalta que todo conjunto de ações que levam á recuperação de informações deve ser cuidadosamente planejado, pois o sistema de recuperação deve ter o mínimo de falhas possíveis, já que uma informação registrada de forma incorreta, e conseqüentemente perdida, não possui valor algum,

assim, um sistema de informação não é feito apenas para armazenar informações, e sim para facilitar o seu acesso.

Essa facilidade de acesso quando se trata de arquivos jornalísticos é ainda mais latente devido à periodicidade diária do jornal, e a rapidez com que a busca precisa ser realizada e respondida para que o jornalista possa construir ou contextualizar suas matérias.

Versiani (2000) coloca que o tratamento de recortes de jornais sempre representou grande desafio para aqueles profissionais que lidam com esse tipo de documento, haja vista que sua dificuldade de manuseio e grande volume de informação em uma mesma edição acaba por tornar o trabalho mais demorado, além do fato de haver pouco reconhecimento quanto aos periódicos como fonte de pesquisa.

A forma como essa informação era, e ainda é tratada não possui um padrão estabelecido de registro, assim como é o caso dos livros, por exemplo.

A aquisição, o armazenamento e o processamento técnico desse acervo possuem características biblioteconômicas, arquivísticas e/ou museológicas devido à própria diversidade do material reunido – diversidade que é, ao lado da especialização temática, a marca distintiva dos Centros de Documentação e que está presente também em suas atividades referenciadoras.

(TESSITORE, 2003, p. 15)

Tessitore (2003, p. 13) afirma que essa falta de padronização se deve ao fato de o acervo dos Centros de Documentação se constituir de diversos materiais, sendo considerado uma “entidade mista”, sendo ainda um tipo de unidade de informação que menos ocupou espaço na bibliografia das Ciências da Informação.

Roncaglio; Szvarça e Bojanoski (2004) ressaltam que a classificação dos documentos de arquivo deve ser feita segundo as características da instituição onde este arquivo está inserido, portanto, não há um método único para o arquivamento, podendo na prática se unir dois ou mais tipos de mecanismos para realizar o processo da forma que seja mais satisfatória para a organização onde se encontra. Os métodos mais comuns são os que classificam os documentos por assunto, seguidos por uma classificação secundária que pode ser por ordem alfabética, cronológica ou geográfica.

As autoras colocam ainda a importância de que os métodos de arquivamento adotados pela empresa, assim como os critérios de seleção, devem ser repassados para todas as unidades administrativas da empresa, para que todos possam se

adequar ao mesmo método, diminuindo as possibilidades de duplicidade de métodos e falha na recuperação da informação. Salienta-se ainda que todo o processo de tratamento documental deve ser registrado pelo arquivista ou pessoal responsável pela gestão destes documentos para assegurar a padronização no caso de mudanças no quadro de pessoal, ou para que se possa fazer as alterações necessárias no caso de mudanças institucionais.

Fuentes i Pujol (1997) escreve sobre a evolução das formas de se registrar as matérias veiculadas nos jornais: inicialmente eram feitas em dossiês temáticos, ou clippings, onde as matérias eram recortadas, armazenadas em pastas classificadas por tema, e ordenadas cronologicamente. Tempos depois, foram criados os índices para facilitar a recuperação da informação nesses dossiês, até que foi constatado que apenas os índices tornavam a busca ineficiente devido ao grande volume de informações registradas, o que levou á busca por uma multiplicidade de formas de se recuperar a informação, o que resultou nos índices por assuntos e autores. Esse método também não se apresentou satisfatório por muito tempo, e começaram a ser criados índices mais detalhados, ficheiros manuais e mais tarde os automatizados que acabaram por evoluir até a criação de bases de dados fundamentadas em princípios biblioteconômicos e arquivísticos. Hoje pouco se encontra ficheiros manuais, mas evoluímos até as bases de textos que permitem recuperação completa do material registrado, assim como possibilidade de acesso a várias pessoas ao mesmo tempo via intranet ou internet.

Segundo Melo (2006, p. 6), inicialmente os arquivos eram exemplares encadernados dispostos em ordem de data à disposição dos jornalistas da redação. Depois começaram a ser armazenadas em fichas catalográficas e armazenadas em pastas suspensas.

A rotina consistia basicamente em:

Seleção, colagem, indexação cada matéria recebia no topo a descrição do assunto geral e do assunto específico;
Arquivamento (ordem alfabética nas pastas suspensas, ordem cronológica dentro das pastas). [...] A indexação era feita em linguagem natural e as fichas armazenadas em fichário próprio em ordem alfabética por palavras-chave.

SANTOS; LINS, 2002, p. 4

Grandim fala sobre a forma manual de arquivar jornais onde os recortes eram indexados por assuntos, e estes catalogados em ordem alfabética, processo que tornava demorada a recuperação da informação, dificuldade na indexação, e embora

a mesma notícia pudesse ser arquivada em diferentes categorias, as fotografias só podiam ser indexadas em uma.

Outras rotinas de tratamento podem ser usadas (e são), já que cada instituição possui um perfil e necessidades diferentes, mas apenas essas autoras fizeram a descrição de como esse trabalho era realizado.

As fichas pouco a pouco foram tornando-se defasadas já que o volume de informação aumenta dia-a-dia, e o número de fichas crescia rapidamente, sendo que muitas vezes a indexação era realizada sem planejamento prévio, o que gerava multiplicidade de termos e dificuldade de recuperação da informação, tornando a busca demorada e por vezes sem sucesso. Isso demonstra como é importante a realização do tratamento técnico e de técnicas padronizadas dentro de uma unidade para que este tratamento possa efetivamente garantir a recuperação das informações.

Adolfo e Silva (2006) citam a avaliação, descrição e classificação como procedimentos complementares e inseparáveis no tratamento dispensado aos documentos, onde:

- 1) A classificação é determinada segundo diagnóstico das necessidades da empresa e perfil de uso desses documentos;
- 2) A avaliação trata de selecionar o que é importante para ser armazenado segundo os interesses da organização, e;
- 3) A descrição é realizada com intuito de produzir instrumentos de busca para que as informações possam ser facilmente identificadas e localizadas.

Carrijo e Asano (2005, p. 4), destacam que há pouca bibliografia sobre a organização de arquivos jornalísticos, visto que não podem ser organizados de maneira padronizada, e/ou com base nos referenciais arquivísticos mais recorrentes.

2.1 MICROFILMAGEM E DIGITALIZAÇÃO

Fuentes i Pujol (1997) afirma que o aumento do volume de material armazenado acaba por gerar problemas no que se refere à classificação, arquivamento e recuperação, além da aceleração da deterioração dos jornais, que por si só já são produzidos com matéria-prima de baixa qualidade, o que torna seu papel naturalmente mais sensível. Esses fatores levaram à busca por informações e

técnicas que permitisse a redução do espaço de armazenagem, facilidade de registro e recuperação. Nos anos 60 os microfimes foram apontados para solucionar esses problemas, mas provavelmente devido ao alto custo da microfilmagem de arquivos e necessidade de máquinas específicas para a leitura desse material, foi utilizado, mas sem grande popularidade.

Machado (2001, p. 2) afirma que para tratar, concentrar e compartilhar os fluxos de conhecimento são necessários mecanismos com capacidade para recolhê-los e arquivá-los, ressaltando ainda que o crescimento de dados implica na aceleração do tratamento documental e na fácil recuperação de dados armazenados.

Versiani (2000) mostra-se de acordo, afirmando que a digitalização e microfilmagem de recortes de jornais proporcionam facilidade nas consultas, o que gera aumento na procura por essas fontes.

Grandim (2007) mostra a digitalização como revolucionária na concepção de arquivo, seguindo então a tendência da informatização para garantir rapidez, economia de espaço e facilidade no registro e recuperação de informações, os CEDOCs jornalísticos começaram a fazer uso de bases de dados para registrar suas informações.

Montenegro afirma que a digitalização promove não só facilidade de armazenamento, recuperação e distribuição da informação, como também garante melhor preservação dos originais que deixam de sofrer manuseio constante, por isso esse tipo de procedimento é recomendado para empresas jornalísticas, e vem sendo realizado no mundo inteiro dando satisfação aos leitores (pela facilidade do fluxo da informação) e às empresas (que ganham mais espaço físico).

Essas bases também não seguem padronização definida, cada instituição possui o programa que melhor responde às suas necessidades, sendo estes muitas vezes programas desenvolvidos especificamente para aquela unidade, sendo, portanto personalizado.

O uso das bases de dados, segundo Barbosa (2004 apud Quadros 2005, p. 417) acaba por possibilitar novas formas de tratar a informação jornalística:

...seja do ponto de vista da coleta/apuração, da organização/construção das narrativas, da publicação dos conteúdos, como também do armazenamento e recuperação das informações.

Uma base de dados quando bem planejada e utilizada pode oferecer conteúdos e produtos de maior qualidade aos seus usuários, dessa forma, as informações digitalizadas e arquivadas podem ser recuperadas a qualquer momento aumentando seu potencial enquanto memória social já que seu nível de alcance passa a ser maior, principalmente se esta base está disponível em via internet.

Martins; Reiney e Pires (2001) citam vantagens e desvantagens do armazenamento eletrônico:

<i>Vantagens</i>	<i>Desvantagens</i>
Redução das áreas de arquivamento;	Constantes mudanças de mídia;
Redução no tempo para recuperação da informação;	Obrigatoriedade da existência de equipamento e software para recuperação de dados;
Rapidez na atualização de dados;	Inexistência de valor jurídico.
Possibilidade de acesso por mais de um usuário ao mesmo material;	
Possibilidade de manter cópias de segurança	

Sampaio (2006), fala da importância da digitalização dos jornais como forma de preservação e disseminação da informação, já que todos poderão acessá-los sem necessidade de manuseio, nem restrições quanto a empréstimos e cópias:

Nessa perspectiva, a preservação e conservação através da digitalização de tão importante documento (jornais) para a sociedade escrita se faz necessária haja vista a visão de mundo registrada em jornais que muitas vezes se tornam para determinada localidade um referencial, e conseqüentemente, um baluarte da salvaguarda da memória histórica, ou em muitos casos, aspectos da história contemporânea.

SAMPAIO, 2006, p.8

A digitalização, embora permita que os jornais possam ser acessados, impressos, armazenados e manipulados de qualquer lugar do mundo via internet, não é a melhor forma de conservação de acervo, pois os recursos utilizados para tal estão condicionados a fatores econômicos, legais e técnicos, já que demanda custo que varia de acordo com a qualidade do equipamento, equipamentos estes que

podem rapidamente se tornar obsoletos, impedindo a recuperação de tais informações (Quadros, 2006; Machado, 2001).

Oliveira (2004) coloca que a simples digitalização dos documentos e sua disponibilização na internet não garantem que o pesquisador tenha sua busca facilitada, quando se busca uma imagem na internet, por exemplo, mas não se tem uma palavra certa para buscá-la, acaba-se recuperando uma infinidade de informações que muitas das vezes nem mesmo se referem a uma imagem.

Montenegro ressalta ainda que a digitalização também tenha sua utilidade no que diz respeito á prevenção de extravio ou perda de documentos (por incêndio ou roubo), mas também exigem condições especiais de armazenamento para que sua qualidade seja garantida, pois também estão sujeitos a alterações provocadas pelo meio (como por exemplo fungos).

O mesmo aspecto é citado por Roncaglio; Szvarça e Bojanoski (2004), que afirma ser necessário considerar as especificidades e exigências dos diferentes suportes da informação, seja um disquete, um microfilme, um documento em papel ou um Cd Rom, cada um desses suportes apresentam características diferentes que devem ser consideradas antes de sua adoção e das suas características quanto á conservação e preservação, pois independente da mídia utilizada, o arquivo deve sempre ter em mente não só a guarda do documento, mas a sua preservação pelo maior prazo possível.

Machado (2001, p. 15) afirma que:

Enquanto o microfilme que compatibiliza a segurança dos documentos originais com sua facilidade de convivência com o suporte digital pode alcançar uma durabilidade de cem anos, o tempo médio de mortalidade dos equipamentos utilizados para armazenar dados em forma digital é inferior a uma década. [...] A falta de transcrição em tempo hábil para os novos suportes provocou, por exemplo, a perda de todos os dados do censo dos Estados Unidos de 1960.

Para Camisasca e Venâncio (2007), embora o microfilme seja uma ótima opção de preservação de documentos, pode apresentar problemas de acesso, já que a manutenção das máquinas leitoras possui custo elevado, além da pesquisa e leitura nesse tipo de material serem cansativas e morosas.

Em virtude de suas peculiaridades, cada CEDOC adota o método que lhe é mais adequado, nem sempre aliando teorias e prática.

Camisasca e Venâncio (2007) fazem ainda uma crítica ao fato de não existirem políticas públicas de recolhimento sistemático de jornais impressos, como há de livros, já que atualmente apenas as instituições produtoras de jornais se incumbem de manter seus respectivos acervos, cada qual seguindo seus interesses, já que como órgãos privados não possuem nenhum compromisso de permitir acesso público a essa documentação. É evidente que se as dificuldades para que uma ação desse tipo ocorra são muitas, mas também é importante pensarmos no quanto a memória jornalística é importante para resgatar informações do passado, às vezes, passado recente, ainda não publicado em livros, ou fatos isolados que seriam completamente desconhecidos se não fossem as matérias dos jornais diários.

Montenegro afirma que mesmo que as informações jornalísticas venham a ser todas digitalizadas e permitam acesso via internet para que qualquer pessoa possa fazer buscas ao momento que desejar, é necessário que se existam profissionais capazes de tratar essa informação para disponibilizá-las a esses usuários, já que não é o fato de estarem disponíveis em meio eletrônico que dispensa o trabalho de humanos para humanos, sendo necessária então pesquisas e profissionais interessados em realizar esse tipo de serviço com materiais tão peculiares e importantes.

Melo (2006, p. 7), afirma ter identificado ausência total de estudos publicados por pesquisadores e estudiosos com enfoque na importância de um banco de dados para a produção jornalística impressa, fato que pode ser reafirmado já que nada foi encontrado sobre o assunto também para a realização desta monografia.

2.2 OS JORNALISTAS E O ACESSO À INFORMAÇÃO DOS CEDOCS

“Complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo” (LAGE, 2002, p. 134). Apesar da frase, e de já ter sido falado sobre a importância dos órgãos de pesquisa para o jornalista, pouco se fala sobre o jornalista enquanto usuário da informação.

É um público que possui características específicas, segundo Nicholas (1997 apud Nascimento; Sommer, 2005, p. 426) são os usuários que mais demandam informação e usualmente as solicitam no último minuto, trabalham sob pressão de curtos prazos para entrega de matérias e nem sempre possuem facilidades em

recuperar sozinho informações documentais, e principalmente, não tem tempo para recuperar, ler e selecionar em meio a um universo de dados, qual será melhor para suprir suas necessidades. Precisam, portanto, de um organismo que seja capaz de ajudá-lo com tudo isso.

Nascimento e Sommer (2005, p. 426) ressaltam que apesar disso, é raro na literatura internacional e praticamente inexistente na literatura nacional publicações que tratem o jornalista enquanto usuários da informação, e não apenas como produtores.

Lage (2002, p. 133) afirma ser comum pensar-se a reportagem independente da pesquisa, o que dificilmente ocorre na realidade dos jornais que se preocupam com o conteúdo passado aos seus leitores. É evidente que nem todas as questões podem ser respondidas pelo CEDOC, mas muita informação pode ser originada, investigada e recuperada, a partir dele.

A notícia, ainda que com pormenores, quando chega á redação do jornal não possui muitas vezes elementos suficientes, de acordo com a importância de que se reveste. Há necessidade, por isso, de complementá-la, de explicá-la e interpretá-la, a fim de que o leitor possa compreendê-la e conhecer todos os seus significados e implicações [...]. Assim, é de praxe, na imprensa, recorrer, quando possível ao que já foi publicado, para fazer um retrospecto ou apanhado dos antecedentes de um documento.

(RAMOS, 1991, p. 83)

O uso das novas tecnologias da informação e a internet cada vez mais usada como recurso para busca de dados não isenta o CEDOC do seu papel, a grande diferença é apenas que com o uso das novas tecnologias da informação praticamente os CEDOCs voltados á informação jornalística são obrigados a criar novas políticas de “como levantar, reunir, preparar, apresentar e difundir seus produtos no contexto digital” de modo a garantir a sua recuperação em tempo hábil (NASCIMENTO; SOMMER, 2005, p. 428).

Segundo Quadros (2005, p. 219), mesmo com o uso das bases de dados, jornalistas ainda encontram dificuldade em recuperar informações, alguns por pura falta de habilidade, outros por falta de tempo, sendo necessário então treinamento, ou parceria com pessoas que possam fazer essas buscas por eles, no caso, os CEDOCs das organizações.

3. A ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA

A Organização Jaime Câmara foi fundada em 1935 na cidade de Goiás com o nome de “J. Câmara e Cia.”, na época, a empresa se resumia a uma tipografia. O nome mudou em 1937, quando passou a se chamar Jaime Câmara e Irmãos, mudando também de cidade, a empresa foi transferida para Goiânia.

Em 3 de abril de 1938, começou a circular o jornal O Popular, que inicialmente era bi-semanário, passando em 1944 para as edições diárias. Com um rápido e contínuo crescimento a Organização passou a abranger em pouco tempo novos jornais, criar estações de rádio, além das emissoras de TV, que hoje estão espalhadas por todo Goiás e Tocantins.

Atualmente, a Organização Jaime Câmara é líder absoluta em mídia impressa e eletrônica no Centro-Oeste, possuindo 21 veículos de comunicação: 9 emissoras de TV filiadas à Rede Globo; 2 jornais impressos e 8 emissoras de rádio

Além desses veículos pertencem ao mesmo grupo a TKM Telemarketing e a Fundação Jaime Câmara, que se dedica a projetos sociais.

3.1 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA

Após pesquisa buscando informações documentais que descrevessem o Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara, o único material encontrado foi a monografia produzida MELO (2006), pois como a própria autora cita:

O Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara reúne e conserva um acervo de documentos impressos e de imagens da memória histórica da empresa, de Goiânia, e do Estado de Goiás notadamente representativa, porém, os dados referentes à sua própria história ainda não foram documentados.

MELO, 2006, p. 7

Desde as primeiras edições do jornal O Popular, alguns de seus exemplares eram guardados aleatoriamente em um arquivo improvisado.

Em 1963, quando a TV Anhanguera foi inaugurada, ainda com exibição ao vivo os telejornais eram lidos diretamente do jornal impresso, sendo ilustrados com filmes de película, slides e mapas (MELO, 2006, p. 16).

Em 1970, quando a TV Anhanguera se filiou á Rede Globo, a programação local já era gravada em filmes de película. A quantidade de filmes chegou a chamar atenção, mas só em 1985 Lisandro Nogueira, na época graduando em jornalismo, hoje jornalista e professor da Universidade Federal de Goiás, foi contratado para realização a organização desse material.

Segundo Lisandro, o arquivo de imagens da TV se limitava à guarda das películas, dispostas em rolos inadequadamente acondicionados, apresentando organização e classificação precárias.

MELO, 2006, p. 17

Era necessária a reorganização total desse acervo para que sua recuperação fosse garantida, além da garantia de preservação. Em 1986, depois de pesquisas, visitas e estágios em arquivos de redes de TV e da Abril Editores, já se tinha noções e critérios para que se pudesse criar na Organização um CEDOC jornalístico.

Ainda em 1986 iniciou-se a microfilmagem de exemplares de jornais que eram arquivados em um “departamento de pesquisa”, na mesma época os exemplares diários também passavam por microfilmagem, o ano também foi marcado pela abertura de atendimento para o publico externo, que antes não existia.

Em 1987 as fotografias passaram a fazer parte do CEDOC, dispostas em pastas suspensas classificadas por assuntos generalizados e acomodadas em armários de aço, sendo também iniciada a organização dos negativos de fotografias e da videoteca.

Em 1988 iniciou-se o arquivamento dos negativos de fotografias, que eram enviados pelo departamento fotográfico para o CEDOC em envelopes já apropriados para o tipo de material, no CEDOC esses envelopes eram numerados e arquivados em armários de aço.

A partir de 1989 a documentação administrativa da Organização passou a fazer parte do CEDOC, que em 1991 iniciou seu processo de informatização. Em 1993 iniciou-se a digitalização do acervo, e em 1997 o CEDOC ganhou espaço maior, uma área de aproximadamente 320 m², que ocupa até o momento.

Atualmente o CEDOC possui um acervo diverso:

Arquivo de texto, arquivo de fotografias, e arquivos de vídeo onde se encontram recortes e exemplares de jornais e revistas, microfilme de jornais, fotografias em papel, negativos e contatos fotográficos, fitas betacam, fitas umatic, filmes de película em rolos, livros, dicionários, enciclopédias, fascículos e periódicos, e documentação administrativa da Organização Jaime Câmara, os quais são catalogados, identificados e arquivados em cada departamento, cabendo ao CEDOC seu armazenamento e guarda.

MELO, 2006, p. 20

4. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se segundo Gil (1991), como uma pesquisa descritiva, pois visa descrever as características de determinada população ou suas variáveis, possuindo caráter de estudo de caso. Esse tipo de pesquisa envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados tais como observação sistemática e aplicação de questionário.

Os dados serão coletados através de observação direta do funcionamento do CEDOC, análise documental, além de questionário aplicado com profissional que atua diretamente no processo de tratamento técnico nessa organização, a bibliotecária Ana Márcia, foi estabelecido também contato via telefone e e-mail com a mesma.

O questionário trata-se de um questionário aberto, contendo 16 perguntas que constam no anexo.

A partir dos dados obtidos pôde-se ser definir uma descrição de como se dá o tratamento técnico do jornal O Popular dentro do CEDOC.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O CEDOC conta hoje com uma equipe composta por 16 pessoas, onde: 13 atuam diretamente no CEDOC e 3 office-boys se encarregam de fazer o transporte de material. Dentre esses que atuam internamente notou-se diversidade de formação acadêmica e atuação conforme representado no quadro a seguir:

Formação acadêmica	Função desenvolvida no CEDOC
Radialismo	Pesquisa e arquivamento de foto, texto e vídeo
Radialismo	Pesquisa e arquivamento de foto, texto e vídeo
Biblioteconomia	Arquivamento em geral
Ciência Social	Encarregado de departamento
Radialismo	Catálogo de texto e foto
Radialismo	Catálogo de texto e foto
Historia	Catálogo de texto, foto e vídeo
Estudante de administração	Atendimento ao público externo
Estudante de jornalismo	Catálogo de revistas
Estudante de história	Catálogo de vídeo
Estudante de jornalismo	Arquivamento de vídeos
2º. grau	Atendimento externo e arquivamento de vídeo

Esses profissionais trabalham todos os dias da semana, inclusive em feriados em escalas de 6 horas. O atendimento interno do CEDOC inicia-se às 5:30 da manhã, terminando às 22 horas, sem pausa.

Todas as notícias veiculadas no jornal O Popular são arquivadas, sendo que textos e fotografias são tratados separadamente.

É realizado backup regular e existem cópias de segurança em CD e DVD de tudo que existe na base de dados, seja texto, foto ou arquivos de vídeo, também é realizada microfilmagem dos materiais veiculados no jornal, e todos os jornais são

guardados em forma natural (papel) durante o prazo de 6 meses para eventuais consultas nesse formato.

Embora zele pela multiplicidade de suportes e cópias de segurança é importante ressaltar que todos os materiais e cópias de segurança ficam armazenadas dentro do próprio CEDOC, o que nos remete ao problema de segurança no armazenamento de dados, haja vista que em caso de incêndio ou danos á estrutura do CEDOC as cópias de segurança também serão perdidas.

Não existe nenhum registro no que se refere aos procedimentos para realização do tratamento técnico dentro do CEDOC, segundo a bibliotecária Ana Márcia existe interesse em criar um material desse cunho, mas a equipe encontra dificuldades em concretizar a idéia devido ao fato de serem poucos profissionais com grande volume de trabalho a realizar, o que impede a construção de um manual de procedimentos. Quando um novo profissional entra na equipe o treinamento é realizado por um outro profissional com mais experiência, o que torna a adaptação por vezes demorada e ocasiona em algumas falhas no momento de registro de matérias e fotografias, conforme afirmação da entrevistada, alguns profissionais ainda ficam “perdidos”, restando apenas a continuidade da experiência para garantir familiaridade com os procedimentos realizados.

No que se refere á busca de informações do CEDOC pelos jornalistas, embora afirme que nunca tenha sido realizada qualquer pesquisa que objetivasse saber a impressão dos jornalistas sobre o CEDOC, informalmente a avaliação sobre seu funcionamento é boa por parte dos profissionais da Organização Jaime Câmara, que segundo nossa entrevistada procuram o CEDOC diariamente, pois a produção dos jornais tanto no formato televisivo quanto do jornal impresso trabalham diretamente com informações de arquivo, já que é necessário que o jornalista se contextualize para poder transmitir a informação de modo que o telespectador/ leitor se inteire da noticia, sabendo de fatos anteriores que possam ter influenciado o fato relatado.

A bibliotecária afirma ainda que com a disponibilização da base de dados onde estão registrados os materiais do CEDOC via intranet o número de pedidos por pesquisa e material por parte dos jornalistas caiu, mas ainda é constante, pois muitos desses profissionais ainda tem dificuldade em procurar informações ou não tem tempo para realizar as buscas, além disso o sistema ainda possui falhas que por vezes não permite a busca on-line e todos tem que recorrer ao espaço físico do

CEDOC para conseguir encontrar a informação de que precisam. Já os usuários externos sempre têm que recorrer ao espaço físico do CEDOC, pois ainda não há um link para que se realizem buscas na internet.

5.1 TRATAMENTO DOS ARQUIVOS DE TEXTO

As informações textuais são arquivadas de três formas: em pastas suspensas (recortes), recortes com resumos arquivados em pastas numeradas e arquivo digital.

O arquivo de pastas suspensas compreende os materiais que foram herdados do setor anteriormente responsável pela guarda dos textos de jornais e revistas, o departamento de pesquisa. Esse arquivo foi alimentado até 1993, quando se iniciou a digitalização do acervo.

Entre 1993 e 1997 os textos foram catalogados em fichas que continham resumo e identificação por assunto, sendo depois scaneados e gravados em fitas streamer. A recuperação da informação, no entanto, não era satisfatória com a utilização desse método, os textos que já estavam organizados de acordo com identificação alfa-numérica nos resumos, e registrados num fichário digital, ficaram em caixas de papelão que eram numeradas de acordo com a ordem das fitas streamer.

Esse acervo começou a ser transferido para a base de dados CEDOC, implantada em 1998, onde já estava sendo feita a catalogação do material diariamente publicado.

Essa base permite acesso a todo o acervo impresso de jornais e revistas, ao acervo de fotos digitais, sendo possível ainda buscar informações nas pastas de recortes, brochuras de jornais, ou microfimes.

Os textos de matérias são copiados do site do jornal na íntegra, classificados por assunto geral e específico e então arquivados. Ainda não existe um vocabulário controlado para definição de termos, para que essa definição seja realizada o classificador realiza uma consulta na base de dados para saber se já existe um termo igual ou aproximado ao tratado pela matéria.

5.2 TRATAMENTO DO ACERVO FOTOGRÁFICO

O acervo fotográfico é composto por fotografias (as dos anos 70 e 80 em P&B, e as dos anos 90 coloridas) coladas em pastas de cartolina numeradas segundo a classificação das pastas suspensas e organizadas por assunto. Os negativos também são guardados: em envelopes de papel, numerados e arquivados em ordem numérica. Desde 1997 as fotografias digitais são armazenadas na base de dados CEDOC.

Essa base permite acesso a todo o acervo impresso de jornais e revistas, ao acervo de fotos digitais, sendo possível ainda buscar informações nas pastas de recortes, brochuras de jornais, ou microfilmes.

A classificação é diária, sendo as fotografias enviadas ao CEDOC pelo departamento fotográfico através de pastas dentro da própria base de dados, essas pastas quando abertas pelo CEDOC são classificadas e arquivadas por assunto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise do tratamento técnico realizado no Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara referente ao jornal “O Popular” foi possível perceber que:

- Conforme referenciado no texto o Cedoc e a eficiência do seu funcionamento é fundamental para a realização do trabalho jornalístico de qualidade;
- Os procedimentos utilizados para o tratamento técnico vêm se modificando com o passar dos anos de forma a garantir a armazenagem e recuperação da informação da melhor forma possível, adaptando-se às novas necessidades e tecnologias disponíveis;
- na Organização Jaime Câmara, o tratamento técnico hoje se realiza integralmente em uma base de dados criada especialmente para este Cedoc através da retirada das matérias do jornal que é disponível on-line, migradas para a base de dados e então registradas na mesma; o material fotográfico é enviado para o Cedoc pelo departamento fotográfico e tratado em uma interface diferente da base de dados.
- Até o presente momento o tratamento dispensado tem se mostrado satisfatório para profissionais do Cedoc e usuários, embora nenhuma avaliação formal tenha sido realizada para atestar tal fato;
- Embora se conheça a existência da padronização do tratamento, o Cedoc ainda não possui nenhum manual capaz de situar novos profissionais ou pessoas interessadas no que se refere aos padrões adotados para o tratamento técnico dos materiais, o que deve ser trabalhado para a melhora dos serviços;
- A política de segurança no que se refere à preservação da informação disponível no Cedoc também deve ser repensada, considerando-se que embora sejam feitas cópias de segurança de todo o material tratado na base de dados, além da microfilmagem dos materiais anteriores à implantação da base, essas cópias ficam armazenadas no mesmo espaço físico que o restante dos materiais, sendo que em casos de incêndio ou grandes danos na estrutura do Cedoc todo o registro de materiais será perdido.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Lucine Baratto; SILVA, Rita de Cássia Portela da. A arquivística e a arquitetura da informação: uma análise interdisciplinar. *Arquivística.net*, v.2, n.1, jan/jun 2006. p. 34-51.

CALDERON, Wilmara Rodrigues et al. O processo de gestão documental e da informação arquivística no ambiente universitário. *Ciência da Informação*, v. 33, n. 3, set/dez 2004. p. 94-104.

CAMISASCA, Mariana; VENÂNCIO, Renato. Jornais mineiros do século XIX: um projeto de digitalização. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, v 2, n.1, mar. 2007. Disponível em: www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria. Acesso em: 04/12/2007.

CARRIJO, Elisângela; ASSANO, Sandra. *Os fazeres do cotidiano no centro de documentação do jornal Correio Braziliense: uma confecção de saberes*. 1 Congresso de Arquivologia do Mercosul, 6, 2005. São Paulo, 2005. [Cd-Rom]

DEOLINDO Jacqueline da Silva. *Jornalismo e memória local no registro do cotidiano, o resgate da história*. Trabalho apresentado à sessão de temas livres no Intercom 2005. Disponível em : <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bistream/1904/17041/1/R0397-1.pdf>

GRANDIM, Anabela. *Manual de jornalismo*. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/grandim-anabela-manual-jornalismo-1.html>. Acesso em: 12/01/2007.

GUTIERREZ, Antônio Garcia (org). Documentación de prensa. In: *Introducción a la documentación informativa y periodística*. Espanha: Ed. Mad, Cap. XV, 1999.

LAGE, Nilson. Repórteres e pesquisa. In: _____. *A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 133-151.

MACHADO, Elias. *O jornal digital como epicentro das redes de circulação de notícias*. Anais do 24 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande/ MS, set. 2001. [Cd-Rom]. São Paulo: Intercom/Portcom Intercom 2001. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np02/np2machado.pdf.

MARTINS, Neire do Rossio; REINEY, Alice; PIRES, Reinaldo. *Digitalização de documentos*. São Paulo: CIARQ/UNICAMP, 2001. 9p.

MELO, Sebastiana Aparecida de. *Análise histórico-descritiva do centro de documentação da Organização Jaime Câmara e sua importância como fonte de informação para a produção jornalística*. 2006. 37p. Monografia (Especialização em assessoria da comunicação) - UFG, Goiânia, 2006.

MONTENEGRO, Rosilene Dias; SILVA, Fábio Ronaldo. *Por uma digitalização da memória jornalística*. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/rosilene-montenegro-fabio-silva-memoria-jornalistica.pdf. Acesso em: 2007.

NASCIMENTO, Maria de Jesus; SOMMER, Caroline. Jornalistas e o acesso à informação. *Em Questão*, v. 11, n.2, jul./dez 2005. p. 425-452.

OLIVEIRA, Vanda de Fátima Fulgêncio de. O pesquisador de palavras e o pesquisador de imagens: reflexões sobre a organização de banco de dados de imagem em artes. *Educação Temática Digital*, v.6, n.1, p. 10-22, dez. 2004.

PAZETTO, Denise. *Serviço de entrada e recuperação de dados no centro de documentação e informação nos jornais da RBS: avaliação e mudanças*. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 19, 2000, Porto Alegre. Anais...Porto Alegre: PUCRS, 2000.

QUADROS, Claudia Irene de. Bases de dados: a memória extensiva do jornalismo. *Em Questão*, v. 11, n.2, jul./dez 2005. p. 409-423.

RAMOS, José Nabantino. O arquivo. In: ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. 5. ed. São Paulo: Atica, 1991. p. 83-89.

RODRIGUES, Ana Lucia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 11, n. 1, p. 102-117, jan./abr. 2006.

RONCAGLIO, Cynthia; SZVARÇA, Décio Roberto; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Arquivos: gestão de documentos e informação. R. Eletr. Bibl. Ci. Inf., , n^o especial, 2^o. Sem. 2004.

SAMPAIO, Ana Marta M. *A digitalização como forma de conservação e disseminação do acervo de jornais da biblioteca Monsenhor Galvão*. Disponível em : www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/AnaMartaMSampaio.pdf

SANTOS, Arlete Braz Gonçalves, LINS, Andréa Maria Lindigton. *Arquivo de fichas de jornais: utilizando o fichário eletrônico Cardfile*. Disponível em : www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/19a.pdf

TESSITORE, Viviane. *Como implantar Centros de Documentação*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2003. 56p. (Projeto como fazer, 9).

VERSIANI, Luciana de Noronha; COELHO, Marisa Colnago. *Hemeroteca digitalizada, preservação de documentos e difusão da informação*. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, XIX, 2000, Porto Alegre.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO:

1. A equipe do Centro de Documentação é composta por quantas pessoas?
Qual a formação de cada uma delas? E que funções exercem?
2. Qual o horário de funcionamento do CEDOC?
3. Tudo que é veiculado no jornal O Popular é arquivado?
4. Se não, quais são os métodos de seleção usados para escolher qual material deve ser arquivado?
5. Os textos e imagens são tratados em conjunto ou separadamente?
6. Descreva como é realizado esse tratamento.
7. Os métodos para o tratamento técnico do jornal estão registrados?
8. Se sim, em qual instrumento? Se não, porque?
9. Os jornais são armazenados em que suporte?
10. No caso de mais de um: Todos os suportes são disponibilizados ou existem suportes específicos para consulta e outros apenas para a conservação?
11. Os jornalistas procuram os arquivos do jornal com frequência? Quando procuram o maior número de buscas é por imagens ou por textos?
12. O CEDOC já realizou alguma avaliação para saber qual a percepção dos jornalistas sobre os serviços prestados?
13. Se sim, quais foram os resultados?
14. Todo o acervo do jornal está disponível na internet?
15. O mecanismo de busca na internet é o mesmo usado no CEDOC?
16. Com o jornal disponibilizado na internet a frequência de busca no espaço físico diminuiu?

ANEXO B - O CEDOC



Foto de autoria de Carlos Antonio Vieira da Silva



Foto de autoria de Carlos Antonio Vieira da Silva

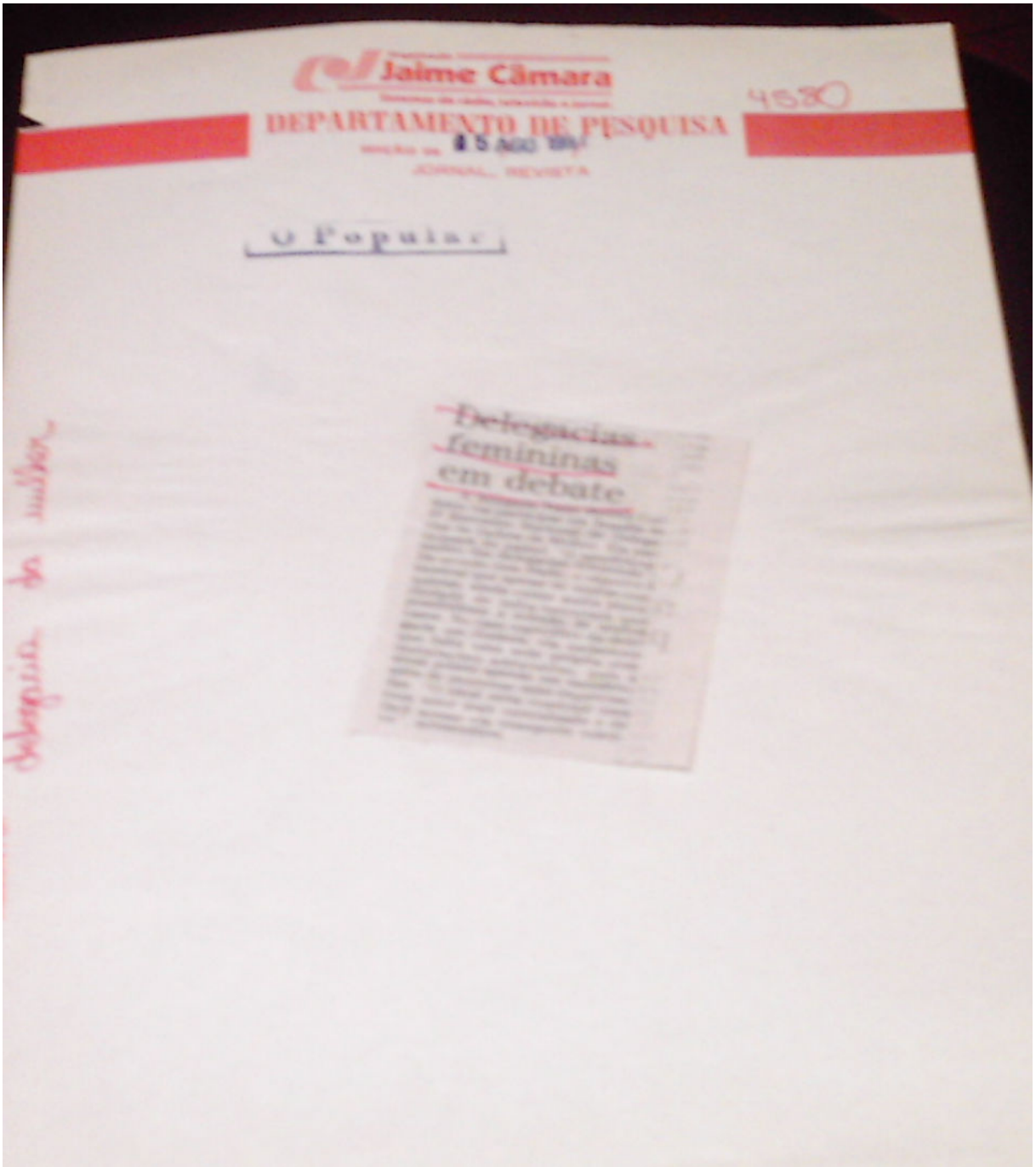
ANEXO C - PASTAS SUSPENSAS



ANEXO D - ANTIGAS FICHAS DE REGISTRO



ANEXO E – RECORTES DE JORNAL



ANEXO F – ARQUIVO FOTOGRÁFICO ARMAZENADO EM PASTAS DE CARTOLINA



ANEXO G - ARMAZENAGEM DE JORNAL EM PAPEL



Foto de autoria de Carlos Antonio Vieira da Silva



Foto de autoria de Carlos Antonio Vieira da Silva

ANEXO H - ARMAZENAGEM DOS MICROFILMES



ANEXO I - ARMAZENAGEM DE CDs

